

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nos propusemos de início, nosso principal objetivo, foi o de dar algumas das principais linhas do pensamento e da ação política do professor, advogado, jornalista e tribuno que se transforma em ardoroso propagandista republicano, Antonio da Silva Jardim.

Pelo método que adotamos, onde a descrição e a interpretação se completam, não julgamos aqui, novamente, de interesse, repetir o que já observamos nos capítulos antecedentes. Daí, nos parecer mais lógico, colocar algumas apreciações, visando principalmente, à ideologia de Silva Jardim, e alguma reflexão sobre a natureza da revolução vivida pelo mesmo.

A princípio, convém frisar que, embora o período por ele vivido seja de uma verdadeira renovação e inquietação mental, política, social e econômica no Brasil, sobretudo se levarmos em conta as diferentes influências aqui exercidas pelas escolas positivista, naturalista, evolucionista, além das novas situações sociais, há uma grande dificuldade para uma concreta apreciação no campo da história das mentalidades propriamente dita (sobretudo se levarmos em conta as variáveis dos empregos dos termos "classe", "povo", "política", "nacionalismo", "sociedade", a que várias vezes nos referimos forçados pela análise dos textos em foco), poderíamos dizer que em matéria de propaganda política, os discursos de Silva Jardim representaram a obra mais completa e melhor acabada de toda a fase precursora da república brasileira.

Sua influência foi de tal ordem, no sentido de criar uma consciência republicana no país, que não conseguimos encontrar outro de igual valor, já que seu trabalho é todo no sentido de conseguir uma fase nova à Pátria, a exemplo do que ocorria em toda a civilização de sua época.

Mostrando-se sempre íntegro, não temendo as arruaças e as ameaças que lhe faziam, seu trabalho foi totalmente desinteressado no sentido de querer adquirir algum poder pessoal, já que sua preocupação era realmente a formação da opinião pública, como uma condição básica para a implantação do novo regime.

Fora Silva Jardim, sem dúvida, o verdadeiro chefe do movimento revolucionário republicano, embora não o fosse do Partido Republicano, o elemento que, através de uma ousada agitação popular, lançaria os verdadeiros gêmens para a construção da república brasileira.

Em seus discursos fora sempre claro, incisivo, procurando sempre observar a realidade de seu público, procurando adaptar sua palavra ao mesmo, de acordo com as localidades que visitava, pois acreditava

ele que, só lutando pelas aspirações imediatas do povo, é que conseguiria levá-los à organização republicana.

Repetidas vezes Silva Jardim mostrou não ser a vontade do homem a única capaz para explicar as transformações, já que existem leis sociais, que não podemos desconhecer ou delas fugir (formulação aparentemente análoga à de Karl Marx).

Tanto quanto os teóricos do socialismo contemporâneo, também verificou que todo movimento apresenta duas formas: a evolutiva e a revolucionária; a primeira, preparando o terreno para que a revolução a coroe em seu trabalho ulterior.

Pela forma com que a República fora proclamada, Silva Jardim observou que ela estava muito longe de ser aquela que em seus "meetings" preconizava, já que não foi um verdadeiro movimento de massas, e sim veio através de um golpe militar, sem a participação da massa, que no dizer de Aristides Lobo, assiste bestificada a proclamação, não demorando muito tempo para que os grandes senhores rurais e seus propostos, sobretudo os donos das lavouras cafezeiras, tivessem preponderância completa no recém inaugurado regime. Os elementos mais extremados, e este era seu caso, se viram afastados, já que ao invés de eleições populares, mantivera-se mesmo o sistema do cabresto de antes, manipulado pelos mesmos chefes de município, agentes dos latifundiários. E como dissera o próprio Silva Jardim: "monarquia sem imperador" e agora... república dos latifundiários, condizente com a situação econômica, que, até 1930, se revezaria no poder, dando privilégios ora a São Paulo, ora a Minas Gerais.

O mais significativo fora, sem dúvida, que com a derrocada de sua idéia no novo regime, também, a burguesia nacional, fora colocada sem segunda posição, sem oportunidades para desenvolver-se ou impor-se frente às transformações sócio-políticas brasileiras.

Sua vida, toda ela, foi uma atitude revolucionária, e para tal atitude só uma explicação encontramos: seu espírito irreconciliável com a injustiça, e a energia e a inquietação que o acompanharam por todos os seus dias. Assim é que, Silva Jardim, esteve quase sempre na oposição, uma vez que seu temperamento não se ajustava ao predomínio do interesse que foi, sempre, a característica do grupo político dominante. Acostumado ao ataque, à crítica, ele encontrava diante de si a própria República, de cujo ideal de fora um verdadeiro porta-voz fiel e dedicado.

Mas o fato é que o seu desprezo às coisas do mundo, o seu verdadeiro espírito de sacrifício, a sua fidedigna compreensão da vida, realmente compensaram o desprezo assaz incompreensível dos homens de seu tempo!

E justamente por haver nascido, quando uma revolução de natureza política e de intuitos filosóficos acabava praticamente de agitar o

mundo, convulsionando-o em quase todos os seus fundamentos, e sujeito, diríamos mesmo, desde o seu alvorecer à influência que exercia ainda uma geração que acabava de operar tão grandes e tão imprevisas modificações, poderíamos facilmente denominá-lo como o “século dos ideólogos”, e foi, justamente sob este ponto de vista que procuramos observá-lo e analisá-lo.

E, com efeito, apesar do espantoso domínio que a plutocracia acabou por exercer, foram os ideólogos os que, durante um largo período, trouxeram suspenso de suas palavras, que a utopia inflamava e que a ilusão acalentava, as nações e os indivíduos.

Daí, ter sempre em mira, em todos os seus “meetings”, de que primeiro dever do cidadão era o de amar a sua pátria, bem como defender a integridade do território, já que todos os homens seriam irmãos (vem aí a necessidade básica e primeira de se amarem), a humanidade, uma família, e a terra, a pátria comum.

Isto faz com que sua proposição vincule-se sempre ao amor pátrio, que é o próprio sentimento de autonomia nacional, e que seria tanto mais íntimo e duradouro, quanto maior fosse a consciência dele.

Houve por bem encontrar nesse sentimento universal e eterno, pela singeleza de sua linguagem para com o povo, as emoções da humanidade, já que conseguiu provar que, à medida que a monarquia deixava de ser uma instituição normal e se convertia em uma transação com a soberania nacional, a constante sofismação das garantias públicas tornava necessário o concluío e os acordos com as mais vigorosas oposições.

Entende-se, pois, que o meio político em que vivera, era realmente uma atmosfera asfíxiante para a organização ética a que se propunha.

Foi justamente esse sentimento de sociabilidade, que constituiu uma das qualidades superiores do caráter de Silva Jardim, que o levou a empreender uma verdadeira catequ Coast das massas, seu verdadeiro apoio em meio da desorientação moral e da anarquia política em que viveu.

As reformas políticas e sociais, contudo, jamais o alucinaram, e sua superioridade é imediatamente reconhecida pelo caráter ativo de sua individualidade.

Sem dúvida que a “sua República” não se realizou, mas a abertura de idéias no sentido de movimentação das massas e de sua mobilidade (tanto vertical como horizontal), é o mérito maior que podemos encontrar em todo seu fecundo trabalho, realizado em tão poucos anos de vida, sem se falar na verdadeira geração de civismo que formou!